

humanitas



Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

UMA DESCRIÇÃO POÉTICA DA LISBOA QUINHENTISTA*

A Lisboa de Quinhentos, com as suas monumentais construções, as suas colinas e vertentes, as suas ruas maiores, cheias da agitação de um comércio intenso, as imensas riquezas amontoadas na Casa da Índia, as suas vinte e duas portas a abrir para o mar e dezasseis para o lado da terra, amuralhada com setenta e sete torres, banhada por um rio que «dá leis e normas através de todas as costas do Oceano, na África e na Ásia», ficou inolvidavelmente retratada na famosa descrição latina de Damião de Góis, dada à estampa em Évora, em 1554, por André de Burgos (1).

Esta visão esplendorosa — embora não isenta de crítica social — da grande urbe está em consonância com a apóstrofe do Canto III de *Os Lusíadas* que todos temos nos ouvidos:

*E tu, nobre Lisboa, que no mundo
facilmente das outras és princesa,
que edificada foste do facundo,
por cujo engano foi Dardânia acesa:
tu, a quem obedece o mar profundo,
obedeceste à força portuguesa,
ajudada também da forte armada,
que das Boreais partes foi mandada.*

* Comunicação apresentada ao «Congresso Internacional dos Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento», na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, no dia 23 de Junho de 1983.

(1) *Damiani Goes Equitis Lusitani Urbis Olisiponis Descriptio*. Reeditada em 1603 na *Hispania Illustrada*, e em 1791, em Coimbra, só veio a ser traduzida para português por Raúl Machado, em 1937 (*Lisboa de Quinhentos. Descrição de Lisboa*. Texto latino de Damião de Góis. Lisboa, Livraria Avelar Machado). Na citação que fizemos, adoptámos a versão daquele latinista. O elogio de Lisboa aparece noutros humanistas, v.g. André de Resende, *Oratio pro Rostris* (ed. de Miguel Pinto de Meneses e A. Moreira de Sá, Lisboa, 1956, pp. 54-55).

Diferente era, porém, o sentir de outros poetas quinhentistas, de pendor moralizante, que se agrupavam em volta de Sá de Miranda. O próprio corifeu do movimento dera o exemplo, como todos sabem, na palavra e na acção, e exprimindo repetidamente a apreensão que lhe causavam as riquezas que invadiam o reino:

*Estes mimos indianos
hei gram medo a Portugal
que venham fazer-lhe os danos
que Cápua fez a Anibal,
vencedor de tantos anos.*

— escreve na Carta a Sá e Meneses, cerca de 1530 (2). Nos anos seguintes, na Carta a António Pereira, reencarece os perigos «desta canela / que o reino nos despovoa», e acentua gravemente (3):

*Ao reino cumpre em todo ele
ter a quem o seu mal doa,
não passar tudo a Lisboa.*

.....
*Vereis barcos ir a vela
uns que vão, outros que vêm
como que se desavêm
c'ũa viração singela.*

Em troca disto, o «bom Sá» recorda a vida de convívio são e amor às letras que tinham na Quinta do Senhor de Basto, e, num entretecido de reminiscências clássicas, em que se perfilam o famoso e tantas vezes glosado *O fortunatos nimium, sua si bona norint / agricolae*, das *Geórgicas* II.457-458, e uma sentença do *De Agricultura* de Catão (até aqui não identificada pelos comentadores), prossegue (4):

*Nossos maiores, se alguém
louvavam, não de senhor,
não de rico era o louvor,
chamavam-lhe homem de bem,
e ainda bom lavrador.*

(2) Estrofe 5.

(3) Estrofes 34 e 36.

(4) *De agricultura*, prefácio, 2: *Et virum bonum quom laudabant, ita laudabant: bonum agricolam bonumque colonum.*

A oposição campo/cidade era um tema caro aos Antigos — particularmente aos grandes poetas do Século de Augusto — que tinha perfeita actualidade no Renascimento. Era, além disso, afim do da *aurea mediocritas* horaciana. Não admira que esses devotos de Virgílio e de Horácio lhe tenham assimilado os tópicos com renovado fervor.

Nesta linha de pensamento se situam trechos de António Ferreira, em que, reconhecendo embora a beleza e opulência da sua cidade, lamenta a decadência moral que a ameaça, trazida pelo espírito de ganância dominante. Estamos a referir-nos à Carta a Manuel Sampaio, onde, depois de recordar a doçura saudosa de Coimbra, escreve (5):

*Esta Cidade, em que nasci, fermosa,
esta nobre, esta chea, esta Lisboa
em Africa, Asia, Europa tão famosa,
quão diferente a vejo, do que a vê
o esprito enganado, que no ar voa!*

.....
*Aquela grã rua nova conhecida
por todo mundo, que outra cousa conta
senão da nau ganhada, ou nau perdida?*

.....
*Quanto, Sampaio meu, quanto mais val,
meu bom amigo, um ócio, livre, e honesto,
que as Índias guerrear de Portugal!
India, Guiné, Brasil, e todo resto
do mundo, a que nos chama, a que convida
em mundo, assi ambicioso, e deshonesto?*

A carta prossegue no caminho do elogio da *aurea mediocritas*. É de Horácio também o modelo que está por trás da Carta a Diogo de Teive, em que se desenha o movimento incessante de uma grande cidade, quase nos precisos termos — *mutatis mutandis* — em que o Venusino, na celebrada Epístola a Floro, se queixava da Roma de

(5) Livro I, Carta X, a Manuel de Sampaio, em Coimbra, versos 28-33, 40-42 e 103-108.

mármore de Augusto, onde não encontrava tempo para escrever e meditar (6):

*Mas em tão chea, em tão grã Cidade,
onde o espirito, e a vista leva a gente,
quem pode ser senhor da sua vontade?
Mora um lá fora além do grã Vicente,
outro cá na Esperança; e hei-de ver ambos,
foge inda o dia e muito diligente.
Pelas ruas mil cambos, mil recambos,
cargas vêm, cargas vão, mil mós, mil traves,
ũ arranca, outro foge, e encontro entrãbos.
Vai ora então compondo versos graves,
versos doces, e brandos, quais mereçam
parecer ao meu Teive lá suaves?*

Não surpreende, por isso, que o mesmo António Ferreira tenha louvado o «Mestre das Musas, mestre da virtude» pela sua retirada para longe da corte (7):

*Chamart'ei sempre bem-aventurado,
que tanto há, que em bom porto com essas santas
Musas te estás em santo ócio apartado.
Não esperas, nem temes, nem te espantas,
sempre em bom ócio, sempre em sãos cuidados
a ti só vives, e a ti só cantas.*

E, mais adiante, ecoando certamente os famosos dizeres do auto-retrato de Sá de Miranda na Carta a D. João III, reencarece a nobreza da sua atitude:

*Trazes ãa alma sempre num só rosto,
nem o ano te muda, nem o dia.*

(6) Epístolas II.2. A Carta de António Ferreira é a IV da Livro II, e os versos citados vão de 13 a 24.

(7) Livro II, Carta IX, a Francisco Sá de Miranda. Os versos citados são 13-18 e 22-23.

É a mesma situação, precisamente, a que motiva a Ode VII de Pedro de Andrade Caminha, dedicada a Francisco de Sá de Miranda, poema esquecido que hoje queremos aqui lembrar (8).

Trata-se de uma composição em doze sextilhas, em rima cruzada e interpolada, com uma estrutura perfeitamente simétrica. Com efeito, as cinco primeiras estâncias são o elogio da grande cidade, com todos os tópicos que lhe convêm, e que se vão desdobrando estrofe a estrofe: a fama e poder; grandiosidade dos edifícios; variedade de ofícios, negócios e costumes; o movimento marítimo; a chegada de tributos de longes terras; a afluência de riquezas e produtos exóticos — tudo apoiado numa apologia, breve, mas firme, das conquistas portuguesas.

Vale a pena ouvirmos a evocativa e bem cadenciada descrição (9):

*Louvarão muitos esta gram Cidade,
esta nobre Lisboa,
raro Francisco, esta que do Ocidente
com grande nome em toda parte soa,
e soará com grão nome em toda idade,
que dá Leis ó Meio dia, e ó Oriente.*

*Seus espantos verão, suas grandezas,
seus nobres edificios
d'obra antiga e moderna, as variedades
dos estados, das obras, dos officios,
dos negocios, dos tratos, das riquezas,
dos costumes, das Leis, e das vontades.*

*Com alegre louvor verão partidas
daqui armadas nossas,
prosperas as verão depois entradas
cheas de mil despojos, presas grossas,
com bandeiras triumphaes ó Ceo erguidas,
com bandeiras d'immigos derribadas.*

(8) A única — e breve — alusão que a ela encontrámos é a de Luís Forjaz Trigueiros, no artigo «Lisboa», do *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho.

(9) Seguimos o texto da edição das *Poezias* publicada pela Academia das Ciências de Lisboa em 1791.

*Tributos verão vir todos os annos
d'Indos, Arabes, Persas,
e d'outras mil regiões, d'outras mil gentes
de varios nomes, e de Leis diversas,
conquistadas per nós, nom com enganos,
com justas armas, com razões prudentes.*

*Verão ricos retornos, grossos ganhos
de ricas mercancias,
qu'esta terra a outras dá, e d'outras aceita.
Novidades verão todos os dias
em que os sentidos e olhos s'achem estranhos,
inda que o appetito nada engeita.*

A sexta estrofe retoma a palavra-chave com que abriu a Ode — *louvarão* — para resumir o que foi dito e o transferir para um plano moral que lhe aniquila o valor, renunciando uma axiologia diversa:

*Tudo isto louvarão muitos, e a vida
toda aqui passariam
neste inutil cuidado, e gosto vão,
só d'estas vaidades penderiam,
desprezada de todo e esquecida
toda outra mais alta occupação.*

A adversativa e o pronome pessoal que iniciam a sextilha seguinte — *mas tu* — opõe aos *muitos* que assim pensam o destinatário da obra, aquele que se retirou da corte e escolheu «o que sempre deve amar-se». Também aqui se está a seguir o esquema clássico, de contrapor o gosto da generalidade àquele que se pretende exaltar. Feita esta transição, as restantes cinco estrofes convertem-se no elogio da vida campestre, dedicada às Musas, em termos que ecoam as apologias da «natureza mãe e amiga» que, em Sá de Miranda, enchem a Carta a Pero de Carvalho, a Carta a Mem de Sá, e, sobretudo, a Carta a António Pereira, e, em António Ferreira, os versos da epístola atrás citada, na qual se aponta como ideal de vida o *otium cum dignitate* que descendia de

Cícero e que Horácio exaltara. Lembraremos, apenas, as duas estrofes mais significativas, a oitava e a décima:

*O santo ocio escolheste, as Musas quietas,
muito castas e brandas,
co'as divinas historias, co'as humanas
temperas o prazer, o nojo abrandas
teu ou de teus amigos, nom t'inquietas
com nada, vives livre, e nom t'enganas.*

*Ah, prudente Francisco, desprezaste
sempre as Cidades vans,
cheas de maos enganos, vãos negocios,
louvas teu doce Neiva, as agoas sans
da tua fonte, as fruitas que plantaste,
as aves que ouves, os teus santos ocios.*

A composição termina com votos de uma longa vida assim passada na quietude, de «ânimo constante e peito puro».

Uma ode que mantém o seu interesse, por conseguinte, quer por conter uma descrição coeva da Lisboa dos descobrimentos (10), quer pela importância histórico-literária do seu destinatário, quer ainda por testemunhar a reacção do seu círculo de amigos à retirada para o campo de Sá de Miranda.

Mas, com estas observações, não esgotámos a apreciação do pequeno poema. É que o motivo do louvor a cidades ou sítios famosos, postergado em favor do de um remanso campestre, provém, como tantos outros dos temas dos Quinhentistas, da fonte horaciana. É, aliás, a própria palavra-chave do começo, a que há pouco nos referimos, que remete o leitor para a célebre Ode VII do Livro I, a que principia:

Laudabunt alii claram Rhodon aut Mytilenen

(10) Em nota manuscrita ao seu exemplar das *Poezias*, existente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, propôs Carolina Michaëlis a data-limite: «vor 57». Como se sabe, o ano da retirada da corte do Poeta do Neiva tem sido fixado em 1530 e o do seu falecimento em 1558.

O discutido e algo enigmático carme latino situava-se, de resto, numa tradição helenística de encómios de cidades, hábito que tinha a sua contrapartida na representação escultórica das grandes metrópoles, que Eufíquides pusera em moda. «Louvam-se as cidades do mesmo modo que os homens» — havia de corroborar Quintiliano em conhecido passo (11). Na ode de Horácio, contrapunha-se ao gosto que outros sentiam em louvar os sítios famosos da Grécia, e designadamente Atenas, o desejo próprio de se comprazer em Tibur, a terra de Planco, destinatário do poema. Daí passa a uma parénese que quase imperceptivelmente desliza para o exemplo mitológico de Teucro, o que lhe permite concluir em clave de esperança.

O *exemplum* mítico não o utilizou Andrade Caminha. O amigo a quem se dirigia não era, como o de Horácio, um político em evidência, mas o «homem de um só parecer». A segunda metade do poema lusitano exalta indirectamente esse predicado, decorrente de uma opção existencial baseada no amor da rectidão e da verdade.

Também aqui estamos dentro da temática clássica. E assim poderemos compreender melhor como deste poeta, que os modernos historiadores da literatura geralmente menosprezam (12), os seus contemporâneos puderam escrever que nele quiseram as «Musas renovar a Antiguidade» — António Ferreira (13) — ou que «as Lusitanas Musas nos mostraram / em ti novo sol resplandecente» — Diogo Bernardes (14).

A sentença de Ferreira foi, no entanto, ratificada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos em 1898, aquando do aparecimento da edição de Pribsch, ao esclarecer que o conteúdo do volume já publicado pela Academia «justificava o título de um sólido clássico e atento renovador da Antiguidade Clássica». Muito recentemente, outro grande estudioso da nossa literatura quinhentista, Adrien Roïg, considera o seu estudo indispensável «à compreensão da História e da

(11) III.7.26. Citado por R. G. M. Nisbet and Margaret Hubbard, *A Commentary on Horace: Odes. Book I* (Oxford, 1970), p. 92. A discussão do sentido desta ode pode ver-se *ibidem*, pp. 90-94.

(12) E. g. Aubrey Bell, *A Literatura Portuguesa* (Coimbra, 1931), pp. 191-192; António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto, 1975), pp. 380-381. O historial do apreço pelo Poeta foi feito por Adrien Roïg, no estudo citado *infra*, nota 15, de pp. 105 a 110.

(13) Livro I, Carta III.

(14) Soneto 96. Cf. também, do mesmo, a Carta XI.

poesia lírica da Península Ibérica numa época essencial da sua vida política, religiosa e literária» (15). Uma pequena prova de que assim é foi o que tentámos apresentar nesta breve análise de uma ode em que se espelha em nítidos contornos o esplendor da Lisboa de Quinhentos, bem como a problemática de ordem moral que ela suscitava aos mais altos espíritos da época.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

(15) No estudo complementar da tradução portuguesa da obra de Carolina Michaëlis, acabada de citar, vertida por Olívio Caeiro com o título de *Pedro de Andrade Caminha. Subsídios para o estudo da sua vida e obra* (Lisboa, 1982), p. 164.